

# Livro de *memórias*

**Org.**

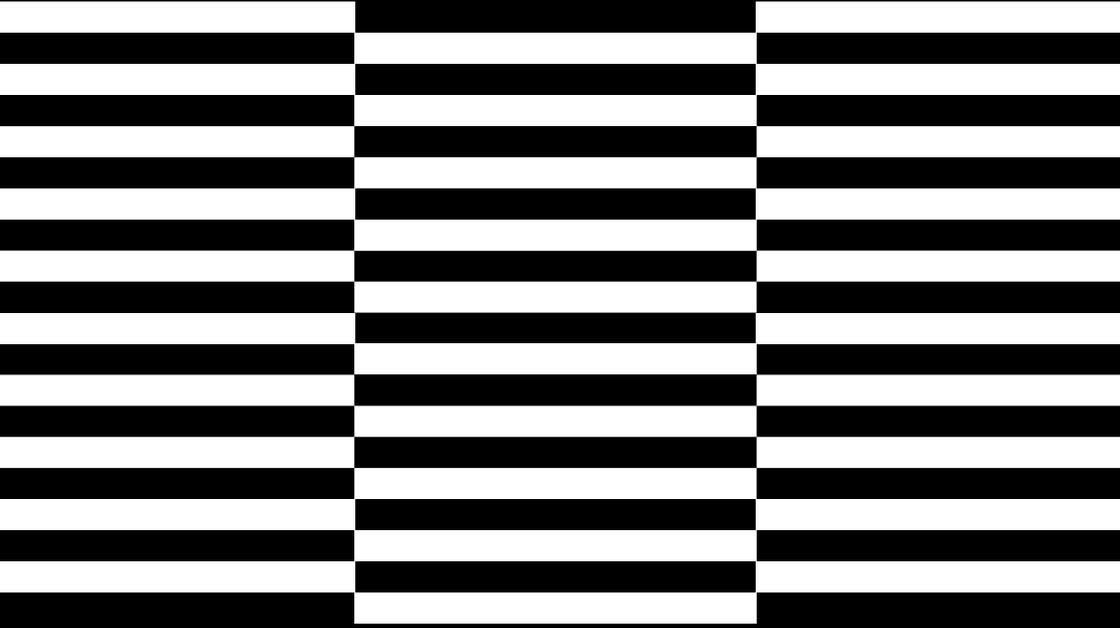
FÁTIMA  
SANTANA,  
CRISTIANE  
MELO  
ELISIANE  
LIMA,  
MABIAN  
RIBEIRO

*Livro de Memórias*  
**Projeto** Por uma infância  
escreviente: práticas de uma  
educação antirracista

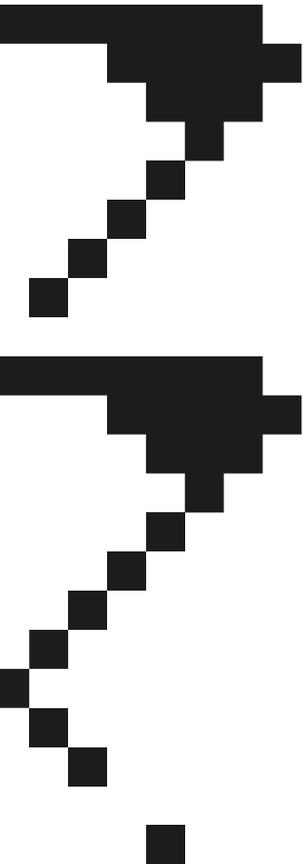
Lauro de Freitas, 2021



duna

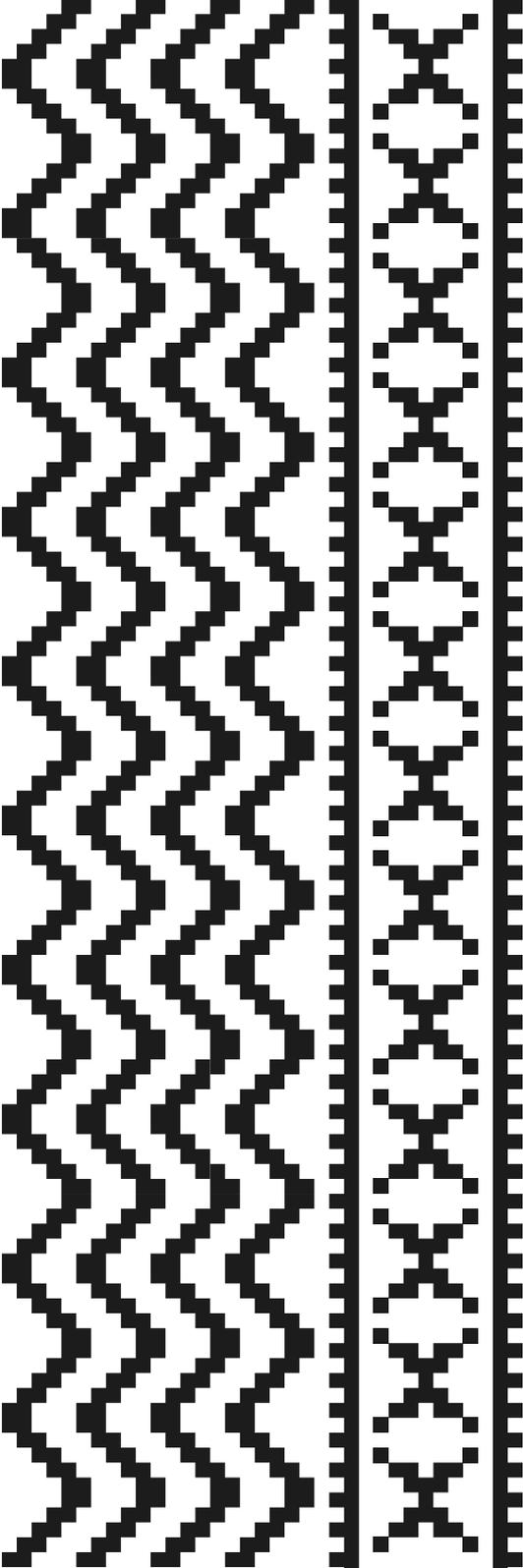


**Awon  
ona baba  
nla<sup>1</sup>**



O quilombo é um avanço, é produzir ou reproduzir um momento de paz. Quilombo é um guerreiro quando precisa ser um guerreiro. E também é o recuo se a luta não é necessária. É uma sapiência, uma sabedoria. A continuidade de vida, o ato de criar momento feliz, mesmo quando o inimigo é poderoso, e mesmo quando ele quer matar você. A resistência. **Uma possibilidade nos dias da destruição.**

**Maria Beatriz Nascimento**



# Sumário

Prefácio **6**

Resistir, insurgir e  
afroexistir com nossa  
ancestralidade **12**

Caminhos encruzilhantes  
de Afroexistências e  
Afroafetos **29**

Cronologia **35**

Posfácio *Uma criança  
move o horizonte (e uma  
carta chega a vários  
destinos)* **92**

Notas **99**

# Prefácio

*Cynthia Cy Barra*

Nas páginas que se seguem, neste **Livro de Memórias**, me reencontro; e leio atenta um trecho da poesia “Taipa”, de Tatiana Nascimento: “É de mariô y barro a lembrança da acolhida”. É, então, por esta porta aberta da lembrança, a de um encontro vivido, que inicio a escrita desta apresentação. Lembro-me com nitidez da primeira vez que estive no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Doutor Djalma Ramos, localizado no loteamento Vida Nova, em Lauro de Freitas, município da região metropolitana de Salvador/BA. Fui em companhia da Yalorixá Marlene de Nanã.

Fomos convidadas por Fátima Santana e Cristiane Melo, que à época realizavam seus projetos de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia (PPGER/UFSB), instituição em que atuo. Ao chegarmos ao CMEI, fo-

mos recebidas por um coletivo de educadoras formado por mulheres pretas. Andamos devagar pelo pátio central da escola, lugar de acolhimento primeiro. Observei atentamente as marcas de afeto nas pinturas de rostos de personalidades afro-brasileiras. Os murais, painéis e registros de atividades escolares do dia a dia, colados nas paredes, de partida, indicavam haver ali uma direção ancestral e firmavam a decisão tomada por aquela comunidade? Senti no corpo o sopro de uma palavra-pensamento: **sankofa**. Um dos *adinkras* (conjunto de ideogramas dos povos Acã), um dos mais difundidos fora de África (**san** = voltar, retornar; **ko** = ir; **fa** = olhar, buscar e pegar), a palavra-conceito **sankofa** é frequentemente associada à imagem de um pássaro com a cabeça voltada para trás, ou a uma imagem composta por duas volutas contíguas (que lembram a forma de um coração), e/ou se vincula a múltiplas versões de um provérbio africano trazido (e traduzido) à língua portuguesa: “nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou atrás”. Iyá Marlene e eu percorremos cada uma das salas de aula, cumprimentando as crianças, majoritariamente pretas e pardas, e suas educadoras. Eu me perguntava, entre muitos pensamentos: cada uma e cada um que íamos encontrando pelos espaços daquela escola compunham a memória viva (ancestral) daquele território (uma escola pública) de educação infantil que sabia a quilombo?

Na manhã daquele dia, adentramos a sala da Diretoria e da Coordenação Pedagógica; adentramos a Cozinha do CMEI Doutor Djalma Ramos, e, por fim, fomos levadas

ao pequeno espaço de varanda, na parte detrás da escola, onde nos sentamos à mesa que estava, esperando por nós, amorosamente posta. Comemos e conversamos, sorrimos, partilhando alegrias, histórias, dificuldades e sonhos. Era uma segunda-feira, em junho de 2018. Por um longo tempo, nós estivemos ali, Fátima, Cristiane, Noêmia, Vera, Elisiane, Luciana, D. Dulce, Andreia, Mãe Marlene e eu, reunidas em torno de um **ajeum** regado a dendê, feito por D. Dulce. Aquele coletivo de mulheres pretas educadoras perfazia em ato a nutrição de lutas históricas e de sonhos de libertação dos povos da diáspora negra? **Ajeum**, como partilha e alimento ancestral, como **pedagogia de afroafetividades**, é **egbe** (comunidade irmanada), eu escutava assim o que me diziam com alegria. Ali, na companhia de mulheres pretas educadoras, não me era difícil compreender como se dá a ativação e a retomada em nós das imagens imemoriais de Áfricas e dos saberes e fazeres que resistem como força de Vida (Àșe), apesar do racismo e de todas as formas de destruição e de mortes (físicas, simbólicas e epistemológicas) fomentadas diariamente contra as populações negras, por parte das colonialidades pedagógicas perenes. “O sonho fecunda a vida e vinga a morte” (Conceição Evaristo). **Rememorar, escrever e celebrar vidas pretas é educar**. Assim entendendo e assim me lembro daquele dia. E hoje, de memória, retomo algumas das palavras ditas à mesa, das palavras trocadas naquele encontro: “temos o desejo de escrever um livro cuja autoria seja das crianças”; “precisamos

escrever nossos fazeres e saberes pedagógicos”; “sim, vocês precisam contar e assinar a história de vocês como autoras deste método de educação antirracista afrocentrado”; “e dar a ler (e dar a saber) essa convicção inabalável de vocês de que é possível criar nas escolas as condições para uma experiência de felicidade para a infância preta”.

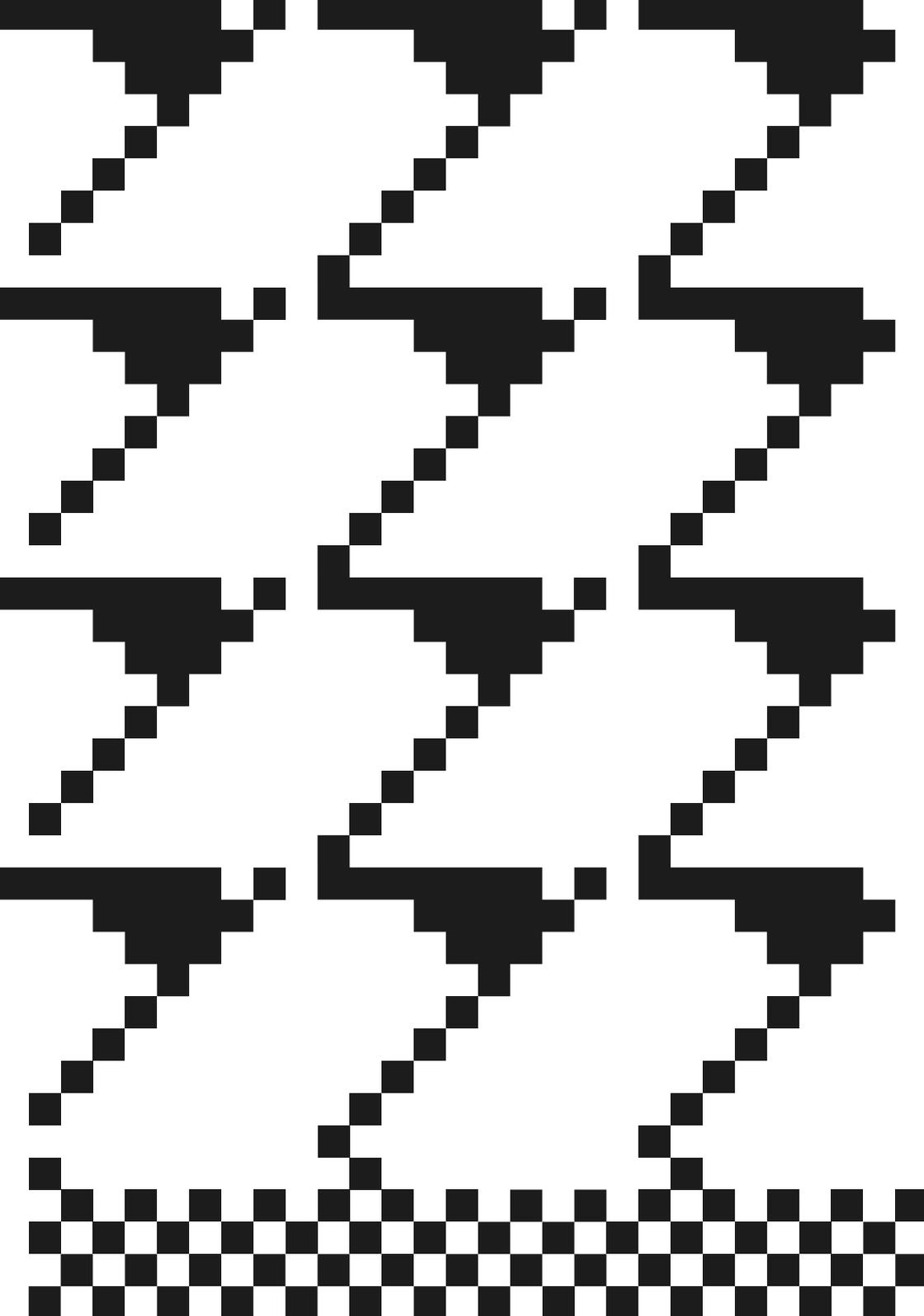
Passados quase oito anos desde que começaram a trabalhar juntas, por meio de uma ação editorial organizada por Fátima Santana, Cristiane Melo, Elisiane Lima e Mабian Ribeiro, com apoio do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), via Edital Equidade Racial na Educação Infantil, e do Sindicato dos Trabalhadores em educação da Rede Pública Municipal de Lauro de Freitas (ASPROLF), em diálogo com as artistas gráficas Lia Cunha e Iansã Negrão, da Editora Duna, o coletivo de mulheres pretas educadoras do CMEI Doutor Djalma Ramos lança a Coleção de Livros POR UMA INFÂNCIA ESCRIVIENTE, da qual faz parte este livro, junto a dois outros livros, **Caderno Metodológico** e **O sonho de Ayo**. Tendo eu tido a honra e a alegria de ser convidada a escrever a apresentação do **Livro de Memórias**, mergulho nas águas deste tempo-lugar:

“mesmo que cimento prometa eternidades,  
é de mariô y barro a lembrança da acolhida  
(palha, ou clorofila morrida, y  
tecnologia de terra muito molhada

que a primeira deusa, velha, lenta, macerou)”  
(Tatiana Nascimento)

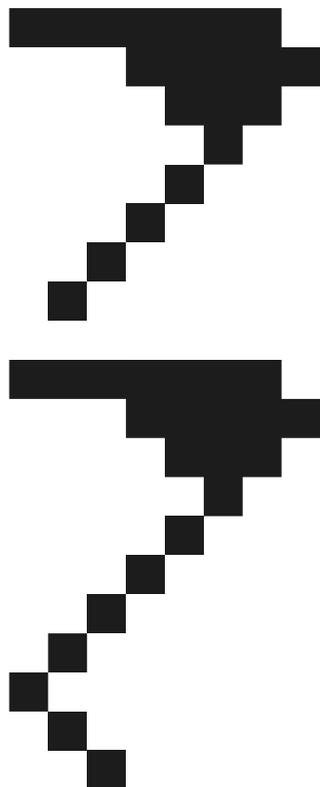
Mergulho num espaço de águas imemoriais de um tempo espiralar, neste tempo dos começos, do passado-presente-futuro, daquilo que perdura ainda, e, como naquela segunda-feira de 2018, como naquele **ajeum**, sopro **sankofa** feito respiro de pensamento-corpo, **egbe**, como legado deixado por nossas mães ancestrais, com suas/nossas tecnologias da terra molhada, mais uma e outra vez, em águas negras me banho para melhor lembrar e lhes convido a também mergulhar na leitura deste Livro. E o que mais poderia eu dizer e desejar agora, no momento exato em que este **Livro de Memórias** se torna sonho realizado e emerge à leitura como registro vivo da invenção de um método? Desejo vida longa a esta epistemologia e esta tecnologia educacional indissociáveis, método nomeado pelas autoras de **Pedagogia das Afroafetividades**. Que possamos celebrar juntas, juntos e juntas esta publicação, um reencontro de alegrias na infância e no coração da vida preta!

Ilhéus, em março-abril de 2022.



PARTE 1

**Resistir, insurgir  
e afroexistir  
com nossa  
*ancestralidade***





### **SIMPLESMENTE VI**

Vi um jeito no corredor

Vi mulheres sem amor, com amor

Vi fingir não sentir dor

Vi viver com amor, dor, horror e esplendor

Vi as Marias, as Anas, todas no corredor

Vi o que não vi

Vi as Marias, as Anas, todas sendo assim

Simplesmente assim

Sendo elas, nós, as outras, nossos eus

Vi dentro, vi fora em algum lugar em mim, em ti

Vi eus, vi elas, mas inevitavelmente...

Vi nós, nós Marias, nós Anas, vi todas

Simplesmente vi

**Ladjane Sousa**



**Saudamos Èmí, a força vital, o sopro sagrado, pelo encontro e reencontro de nossas almas pretas. Saudamos Odúduwà, pela representação coletiva das nossas mães an-**

# cestrais que, através de sua força, de seu coletivo, pariram Nós — mulheres pretas.

Obrigada, nossas mães, pelo sagrado feminino e por nos conceber em seus ventres pretos. Sim! Somos continuidade de nossas ancestrais. Elas nos concederam o encontro irmanado e coletivo. Foi por causa delas e com elas que construímos uma *Pretagogia*, uma *Pre-tainfância*, um caminhar de encruzilhadas, de luta e resistência.

Quem pisa no nosso território infantil, onde nossas crianças correm, sabe que ele é banhado com a ancestralidade de Riachão. Foi graças ao seu Orí e à intelectualidade do nosso Mestre, entre sambas, gingados e poesia, que entoávamos: “No Campo Grande, eu canto assim, lá vai Riachão.”

Nele, ouvimos a voz de uma criança, olhando para Riachão e dizendo: “Riachão, quando eu crescer, quero ser igual a você”. Lembrar de Riachão é recordar de como a comida é cozida do nosso cozinhado forjado em uma pedagogia das afroafetividades. Lembramos da admiração

e da alegria em testemunharmos sua presença ao pisar no chão da nossa escola pela primeira vez. Ainda correm lágrimas em nossos olhos, ao lembrarmos do seu sorriso contagiante, de sua voz envolvente e de sua indumentária peculiar e identitária.

“Quando cheguei, tô chegando, me abrace se quiser”...

Enquanto mergulhávamos na sua história com as crianças, reconstruíamos a nossa. Só você, mestre Riachão, para marcar esse encontro de almas e fortalecer nosso espírito de irmandade. Sua força, sua música e sua alegria sempre nos impulsionaram a seguir, mesmo diante de tantas adversidades. Só ousamos construir uma educação antirracista juntamente com nossas crianças ouvindo o seu samba.

Daqui, continuaremos olhando para você e cantando com elas: “No Campo Grande eu canto assim, lá vai Riachão..”

Querido mestre, quem olhar para o nosso Centro Municipal de Educação Infantil Doutor Djalma Ramos, o nosso CMEI, com o coração verá a sua beleza e a sua força ancestral em nós.

Saiba que não seguiremos em luto. Mas, graças à sua voz, que ecoa, continuaremos caminhando em luta e resistência.

Agradecemos pela oportunidade de vivenciarmos, de forma tão forte, tão profunda, cotidiana e coletiva, experiências com a felicidade. Valeu, mestre Riachão!



**Cante e dance, meu povo  
Que o mundo está pra mudar  
A mudança é preciso  
É tempo do rei reinar.**

*Mateus Aleluia*





E a semelhança está na face  
Na genética da cor  
Com braço forte, integridade  
Lábios grossos de tataravô  
Semente ao solo germinando  
Plantei raiz e nasceu flor  
Descendente não, viu  
Somos Jeje Nagô

Trecho da música "Herança e crença", Ilê Aiyê<sup>2</sup>



Curar não significa nunca mais  
vai doer,  
feliz não significa nunca mais  
vai chorar,  
ser forte não é rigidez  
(aquebrantável; tem alguma coisa, na fragilidade, para  
se aprender)  
matéria é uma casa que habita a gente no finito da  
jornada. Mesmo que cimento prometa eternidades, é de  
mariô y barro a lembrança da acolhida

**Tatiana Nascimento**



**Trago a ancestralidade  
ecoando em meu avesso, um  
canto de identidade, um som  
de atabaque, um cerimonial  
com liberdade, a luz da  
divindade emociona minha  
humanidade.**

*Eli Odara Theodoro*





**A sapiência só pode ser  
encontrada nas experiências.**

Mãe Stella de Oxóssi





**Quem come um akassá não  
sabe o que é passar fome.**

*Provérbio africano*





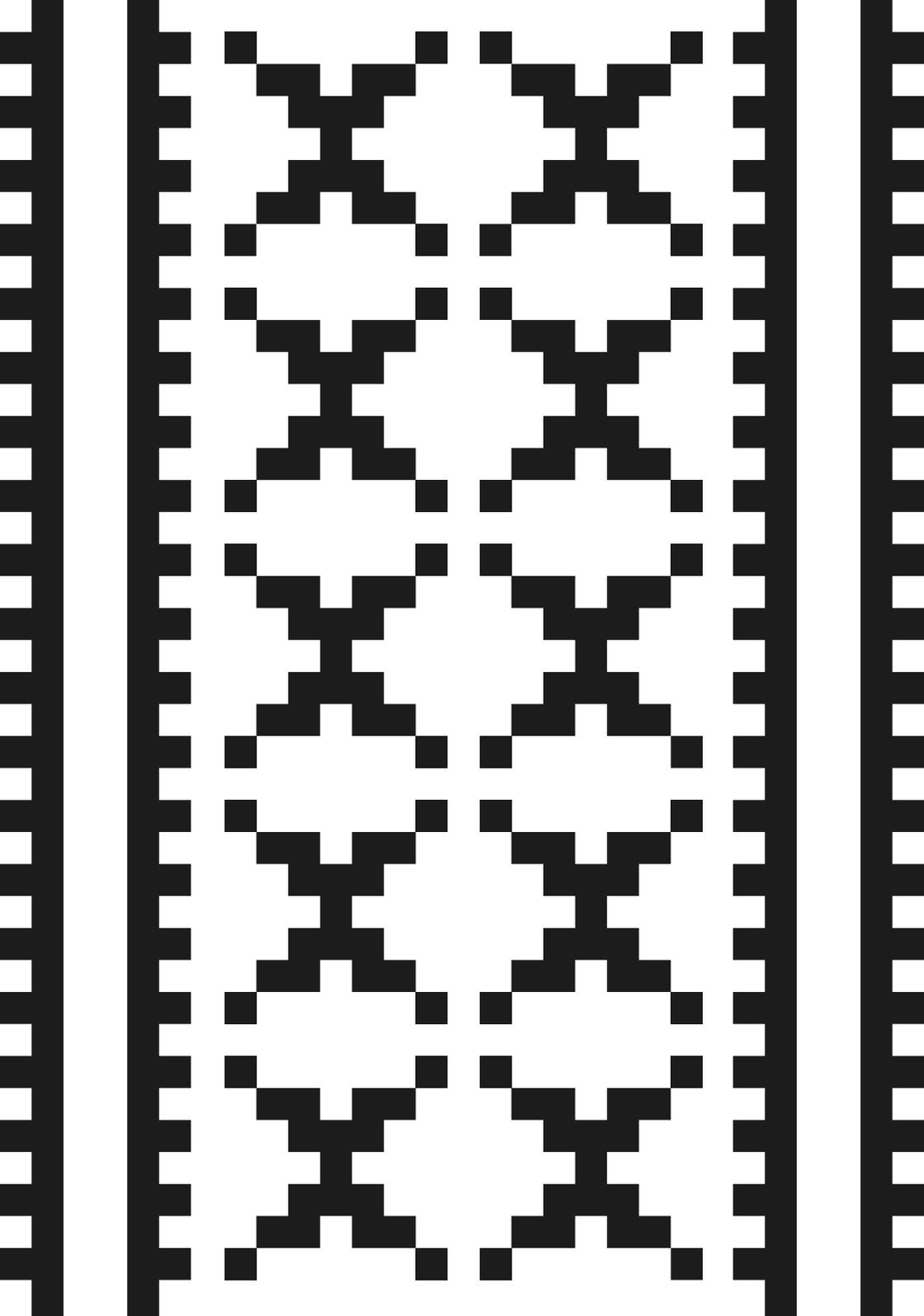
**Um rio que esquece  
onde nasce, ele seca  
e ele morre.**

*Ditado africano*



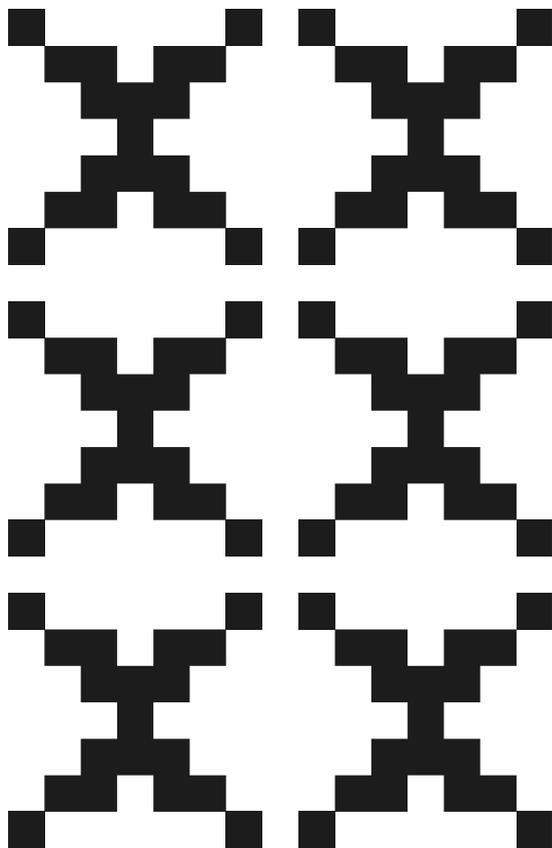
A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.

**Conceição Evaristo<sup>5</sup>**



PARTE 2

# Caminhos encruzilhantes de *Afroexistências* e *Afroafetos*





E kâaro ore mi família!  
Estejamos vivos e que  
possamos fazer do dia de hoje  
um dia de retorno ancestral.

**Katiuscia Ribeiro\***

**Nas encruzilhadas, seguimos reconhecendo a *Pedagogia das Afroafetividades*, conceito tecido pelas professoras do CMEI Dr. Djalma Ramos, se ampliando não só pela maneira afroafetiva, mas pela forma irmanada como**

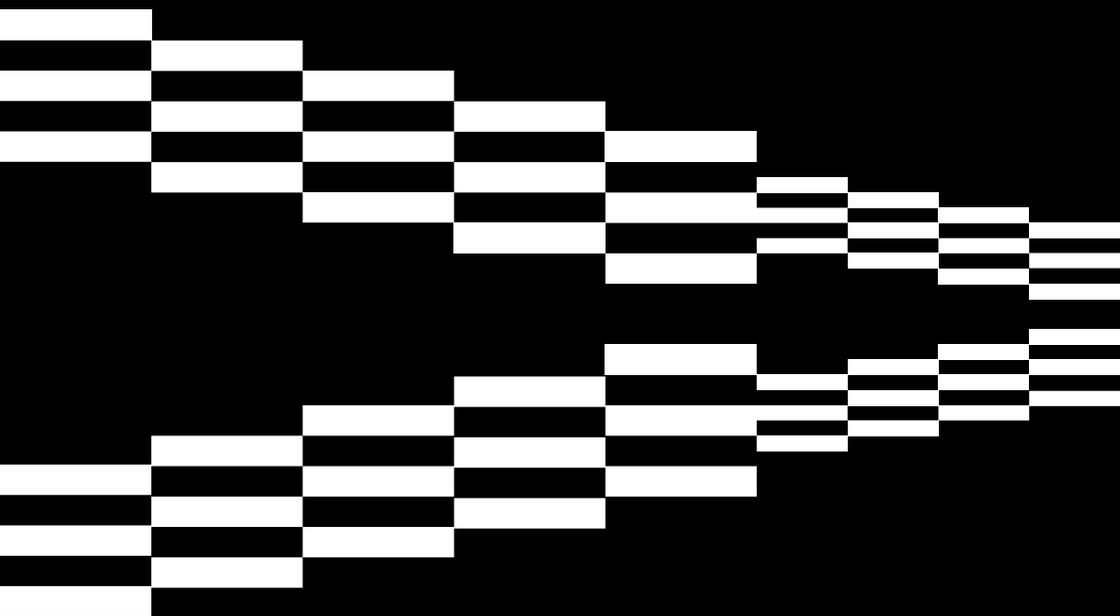
**nós, adultos e crianças, vamos nos escrevendo, com práticas educativas e metodologias para a infância, invocada de forma ancestral, cujo sentir/pensar/fazer surge das mulheres em uma conexão afrodiaspórica.**

Nesse sentido, quando encontramos nosso modo de sentir/pensar/fazer a partir de uma *Pedagogia das Afroafetividades*, novas posições metodológicas surgem no chão do Djalma Ramos, com o intuito de construir saberes que nos descolonizem e criem alter-

nativas insurgentes de uma educação para a infância preta, na qual as subjetividades das nossas crianças não sejam feridas, mas a partir da qual princípios como o de alteridade sejam garantidos, a partir de uma Experiência da Felicidade.

De tal modo, nosso modo de fazer projetos é a partir de uma epistemologia afro-brasileira, tecida pelas mãos de professoras pretas, cujo território localiza-se em Vida Nova, município de Lauro de Freitas. Assim, esse caminho pela busca de uma *Pretagogia* foi tecido de forma desobediente e transgressora na educação das crianças, isso porque nos desafiamos a trabalhar com personalidades negras.

Pensar em uma Pedagogia Preta de Projetos, contaminada pela história de vida de Riachão, Carolina Maria de Jesus, Mariene de Castro, As Ganhadeiras de Itapuã e Conceição Evaristo, é possibilitar que as crianças pequenas dialoguem com as suas marcas identitárias e afro-diaspóricas, já que se constituem como atores/atrizes curriculantes em suas afroexistências. Para corroborar isso, findamos com o pensamento de nossa irmã e filósofa Katiúscia Ribeiro: **“O futuro é Ancestral!”**



**O futuro é  
ancestral**

# Cronologia



**2013**

**Práticas de uma** educação antirracista começam a ser desenvolvidas no CMEI a partir do projeto “Eu, um ser afetivo na Africanidade”, desenvolvido pela professora Rijosane Brito.



## 2014

**Comunidade escolar reúne-se** a fim de repensar um currículo que contemple as questões étnico-raciais. Nasce o projeto “Doutor Djalma Ramos e seu amor por Riachão”.

**Coordenadora Pedagógica Fátima Santana Santos** é vencedora na categoria Educação Infantil do Instituto Arte na escola cidadã, com o projeto “Doutor Djalma Ramos e seu amor por Riachão”.



## 2015

**Comunidade escolar define** o projeto anual intitulado “Mariene, um canto que

encanta nossa gente”.

**Professora Cristiane Melo** é vencedora do Prêmio Professores do Brasil, na categoria Educação Infantil, com o projeto “Mariene, a flor que desabrochou nossa gente”

**O CMEI DR. DJALMA RAMOS** vence o prêmio “Escola, lugar de brincadeira e diversidade”, promovido pela Universidade Federal do Ceará.



## 2016

**O CMEI DR. DJALMA RAMOS** é a unidade vencedora na categoria Escola Pública, nível Educação Infantil do Concurso Pesquisar e Conhecer para combater o *Aedes aegypti*, realizado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, diversidade e inclusão (SECAD/MEC)

**I Sarau do Djalminha**

**Comunidade escolar define** o projeto

pedagógico “Carolina Maria de Jesus, uma rainha entre nós”.

**A Professora Noêmia** Verúcia é vencedora estadual do Prêmio Professores do Brasil, na categoria Educação Infantil.

**I Simpósio Palavras** da Educação Infantil: diálogos com a experiência.

**Ministério da Educação** reconhece o CMEI DR. DJALMA RAMOS COMO instituição de referência para a inovação e a criatividade na Educação Básica do Brasil.



## 2017

**Projeto Ruim por quê?** Ruim para quem?

**CMEI DR. DJALMA RAMOS** realiza o “I Painelel Interescolar Atores curriculantes”

**II Sarau do Djalminha**



## 2018

**Neste ano, o** Projeto pedagógico homenageia a escritora Conceição Evaristo com o projeto “Escrevivências infantis: diálogos, histórias e memórias com Conceição Evaristo”.

**III Sarau do Djalminha:** Escrevivências infantis em homenagem a Conceição Evaristo.

**I Fórum Escrevivências** Infantis e educação antirracista com a presença da Promotora Dra. Lívia Vaz e a Professora Mestra Ladjane Alves.

**I Ocupa Djalminha:** exposição em homenagem à escritora Conceição Evaristo.

**A escritora Nilma** Lino Gomes visita NOSSO CMEI.

**A professora Cristiane** Melo é

vencedora do Prêmio Professores do Brasil, na categoria Educação Infantil, com o projeto “Meu cabelo, minha raiz”.

**A professora Cristiane** Melo recebe medalha de Ordem Nacional do Mérito Educativo.

**Evento “Eu brinco, eu existo”** em parceria com “Amoras brinquedos” e o projeto de contação de história “O que tem atrás da porta?”.



## **2019**

**Homenageando As Ganhadeiras** de Itapuã e sua história, o projeto “Um amor chamado...Ganhadeiras” conquista a comunidade escolar.

**Inaugurado o Museu** da Memória Ganhadeiras.

**IV Sarau do Djalminha**



## 2020

**O CMEI DR. DJALMA RAMOS** é vencedor do edital “Equidade racial na Educação Básica”, promovido pelo Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT.

**Os desafios do ensino remoto.**



## 2021

**E nossa história continua...**



A minha pele preta é meu  
manto de coragem  
Impulsiona o movimento.

**Mc Linn da quebrada<sup>5</sup>**

As crianças são a  
recompensa da vida.

**Provérbio africano**



Onde eu cheguei, está chegado  
Se agrade, se quiser  
Onde eu cheguei, está chegado  
Se não gosta de mim, dê no pé.

Trecho da canção "Camisa Molhada",  
de Riachão<sup>6</sup>

Um sorriso negro  
Um abraço negro  
Traz felicidade.

Trecho da canção "Sorriso negro",  
de Dona Ivone Lara.<sup>7</sup>



**Somente ela... estou  
com ela, minha vida  
é um paraíso.**

Trecho da canção  
“Somente ela”, de Riachão<sup>8</sup>



Foi de mãe todo o meu tesouro  
veio dela todo o meu ganho  
mulher sapiência, yabá,  
do fogo tirava água  
do pranto criava consolo.

Trecho do "Poema de mãe", da escritora  
Conceição Evaristo.<sup>9</sup>



Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças.<sup>10</sup>

**EVARISTO, 2020, p. 30.**



Amor é como um bebê,  
precisa ser tratado com  
ternura.

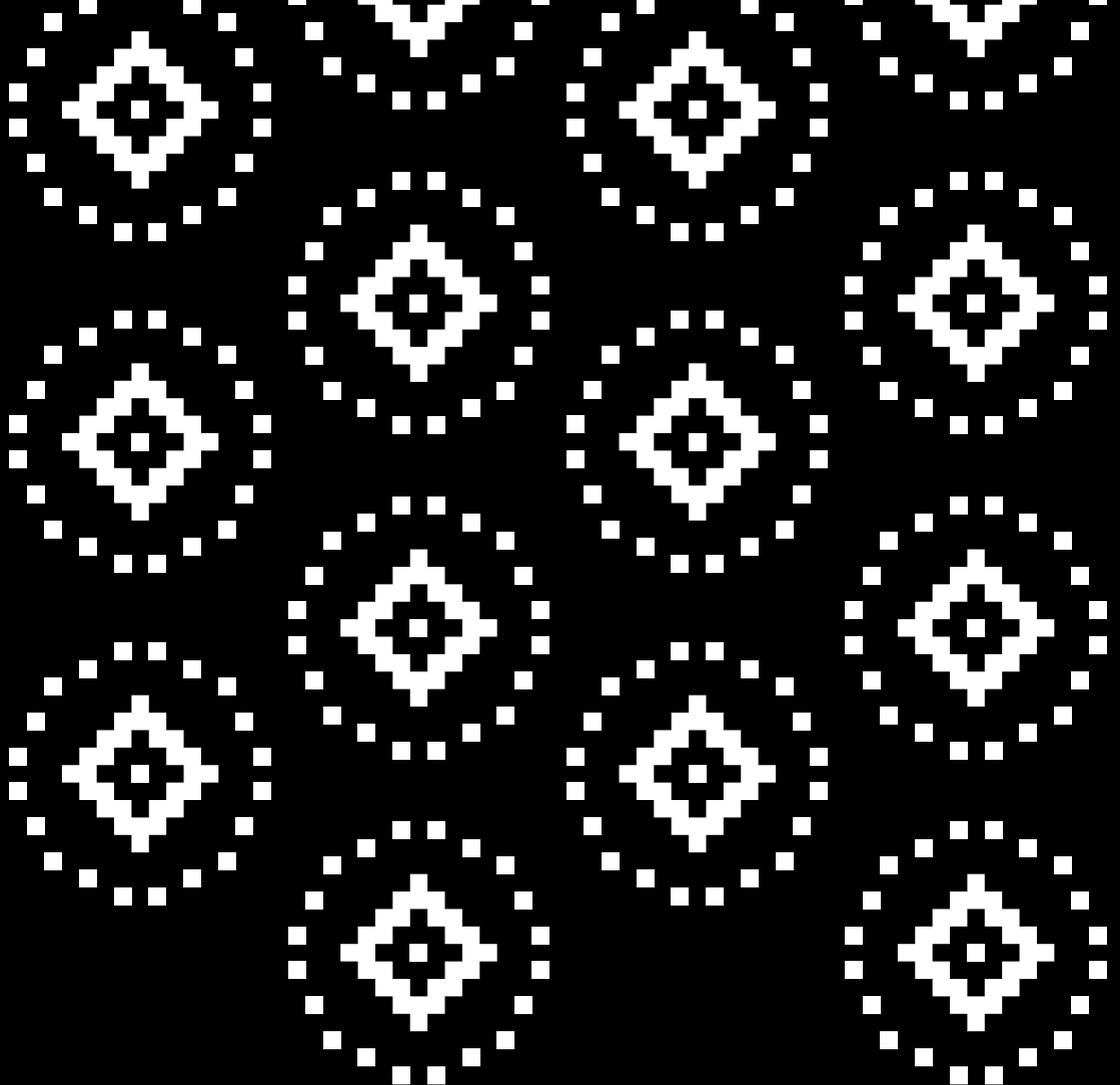
**Provérbio africano**

Se quer saber o final, preste  
atenção no começo<sup>11</sup>

**Provérbio africano**







**Linda e  
preta...**

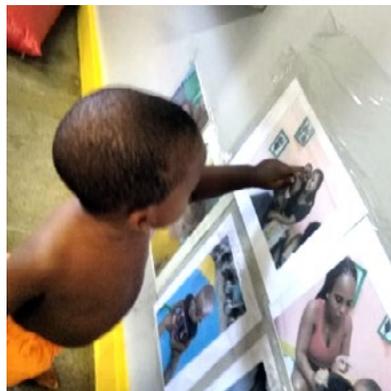


Ela é a mais bela rainha...

Ela é forte, guerreira, que lutou por nós

Hoje brilha a estrela, Dandara eu sou sua voz.

Trecho da canção "Dandara",  
de Vanessa Borges<sup>12</sup>



A minha pele é da cor desse solo. Quando eu rego fica mais escuro, cor de chocolate, de café quentinho. As cores são diferentes, iguais aos lápis de cor. Tem gente que fala que existe lápis 'cor de pele'. Como assim? A pele pode ter tantos tons...

Trecho extraído do livro "O Pequeno Príncipe Preto", do escritor Rodrigo França.<sup>13</sup>



O meu cabelo é chapado, sem precisar de chapinha  
Canto rap por amor, essa é minha linha  
Sou criança, sou negra, também sou resistência  
Racismo aqui não, se não gostou, paciência

Trecho da canção "Menina pretinha", de Mc  
Sophia.<sup>14</sup>



**Tudo que nós  
tem é nós.**

Emicida<sup>15</sup>



Ser mais velho na África é uma honra, é partilhar saberes, histórias contos e causos. Aqui, no Djalma Ramos, nosso território infantil, caminhamos com esses ensinamentos afrocentrados. Comungamos com o ditado dos griôs africanos: cada dia se aprende algo novo, basta saber ouvir. Pedimos licença para apresentar nosso mais velho, nosso Griô Vivaldo Pereira, homem negro, 76 anos, nascido e criado em Lauro de Freitas. Com ele, aprendemos todos os dias sobre o que é território, saberes ancestrais e histórias. Por isso, por meio de suas palavras, com a escuta atenta, aprendemos: a fazenda Cají, nome dado ao local onde hoje está Vida Nova, tinha como proprietário Renato Sá, que morava de fato na capital Salvador. Assim, Vida Nova foi construído por pessoas de outros municípios.

**Vivaldo Pereira<sup>16</sup>**



Se quiser ir rápido, vá sozinho; mas se quiser ir mais longe, vá em grupo.

**Provérbio africano**

Quando a gente faz o pequeno bem feito, não precisa ter medo de fazer o grande.

**Mãe Marlene**

É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança.

**Provérbio africano**



Eu sou  
A voz da resistência preta  
Eu sou  
Quem vai emprestar minha bandeira  
Eu sou  
E ninguém isso vai mudar  
Tudo começou dar certo quando eu  
aprendi me amar

**Trecho da canção "Eu sou", de  
Washington Duarte.<sup>17</sup>**

A união do rebanho obriga o leão a  
deitar-se com fome.

**Provérbio africano**

Gosto de dizer que a escrita é para  
mim o movimento de dança-canto que  
o meu corpo não executou, é a senha  
pela qual eu acesso o mundo.

**Conceição Evaristo<sup>18</sup>**





**A esperança é o  
pilar do mundo.**

*Provérbio africano*



Negros, negras  
Negras, negros  
Reis, rainhas  
Rainhas, reis  
Poderosa, poderoso  
Poderoso, poderosa  
King, Wakanda  
Beleza, riqueza  
África Mãe Oxum  
proteja a minha alma preta

Trecho da canção "A coisa tá preta", de Elza Soares.<sup>19</sup>



Ubuntu  
**Eu sou porque nós  
somos.**

Filosofia africana





**A cabeça de uma  
pessoa faz dela um  
rei.**

*Orí em ní um 'ni j'oba.*

Provérbio yourubá

Ê, deusa do Ébano...

**Trecho da canção Deusa do Ébano,  
Ilê Aiyê.<sup>20</sup>**

Me senti tonta, mas levantei

Saí andando...

Eu quis, eu procurei...

Me encontrei no frio, no breu

Do eu mais meu,

Minha vontade gritou:

Resistência!

Persistência!

**Trecho da canção "Sou filha de  
Oyá", de Larissa Luz<sup>21</sup>**

A noite mais esperada e estrelada é  
da beleza negra...

Uma negra forte cheia de riqueza

Que vai reinar o ano inteiro

Representando a raça negra...

**Trecho da canção "Negras  
perfumadas", do Ilê Aiyê.<sup>22</sup>**



Quando a mulher negra se movimenta,  
toda a estrutura da sociedade se  
movimenta com ela.

**Angela Davis**<sup>23</sup>

Todos os valores de uma raça estão  
presentes  
Na estrutura deste bloco diferente  
Por isso eu canto pelas ruas da cidade  
Pra você, minha crioula, minha cor,  
minhas verdades.

Trecho da canção "Deusa do Ébano",  
do Ilê Aiyê.<sup>24</sup>





É preciso unir as lutas, sem abrir  
mão das especificidades.

**Kabengele Munanga<sup>25</sup>**

Vem chegando as ganhadeiras de  
Itapuã, hoje tem samba de roda só  
termina de manhã.

**Trecho da canção "Bando das  
Ganhadeiras", das Ganhadeiras de  
Itapuã<sup>26</sup>**



O amor é uma combinação  
de cuidado, compromisso,  
conhecimento, responsabilidade,  
respeito e confiança.

**bell hooks<sup>27</sup>**

Será?  
Que a força da fé  
Que carrega nosso viver  
Pode mover montanhas pra gente  
poder passar?  
É a nossa oração  
Pedindo pra Deus  
Oyá Oyá, Oyá, Oyá, Oyá!!!

**Trecho da canção "Oyá", de Quintal  
dos Pretos.<sup>28</sup>**





**Os avanços são  
fruto da luta. E  
não têm volta.**

Djamila Ribeiro<sup>29</sup>

Você é a estrela negra que brilha pra  
mim

É a rosa mais linda do meu jardim

Trecho da canção *Negras perfumadas,*  
do *Ilê Ayê*.<sup>30</sup>

Escrevo para registrar o que os  
outros apagam quando falo, para  
reescrever as histórias mal escritas  
sobre mim, sobre você. Para me  
tornar mais íntima comigo mesma  
e consigo. Para me descobrir,  
preservar-me, construir-me,  
alcançar autonomia.

**Gloria Anzaldúa**<sup>31</sup>

Somos herdeiros de uma luta  
histórica, iniciada por muitos antes  
de nós.

**Luiza Bairros**<sup>32</sup>

A gente não nasce negro, a gente se





torna negro. É uma conquista dura,  
cruel que se desenvolve pela vida da  
gente afora.

**Lélia Gonzalez<sup>33</sup>**

É hora de sermos felizes e honrar  
nossa ancestralidade. É urgente  
partilhar, desde a infância, dessa  
experiência e a literatura é esse  
espaço político, de posicionamento  
à esquerda que narra nossas  
experiências de maneira leve,  
criativa e cheia de sororidade,  
solidariedade, empatia e felicidade.

**Ladjane Sousa<sup>34</sup>**







Precisamos ser criadas para  
liberdade. O mundo é grande  
demais para não sermos quem a  
gente é.

**Elza Soares**<sup>35</sup>



Procuram-se representação  
Eu quero ter uma boneca preta  
com os olhos pretos  
Com um cabelo black, com uma  
roupa prateada igual a mim

Trecho da canção "Bonecas pretas", de Larissa Luz.<sup>36</sup>

As rosas da resistência nascem no asfalto. A gente recebe rosas, mas vamos estar com o punho cerrado falando de nossa existência contra os mandos e desmandos que afetam nossas vidas.

**Marielle Franco**<sup>37</sup>

Raiz, e para você, qual poderia ser o nome da história? E Raíza, após parar um pouco para pensar, respondeu: — Rainhas.

Trecho extraído do livro "Rainhas", da escritora Ladjane Alves Sousa <sup>38</sup>

Sim, meu black incomoda. Minha negritude incomoda. Racismo: não passará.

**Marielle Franco**<sup>39</sup>





Nessa perspectiva, acreditamos ser urgente uma prática docente em que o afrocuidar e afroeducar sejam o cerne das ações diárias, munidas pelos afroafetos, para combater e sanar as relações racistas enraizadas dentro dos territórios infantis.

**Cristiane Melo\***





Teci no tapete de minhas memórias  
traços de histórias que vem dos  
meus ancestrais.

Noêmia Verúcia Almeida Pereira<sup>\*1</sup>



Se tratando do povo negro a Humanidade nasceu no amanhecer de ontem [...] Ancestralidade enquanto princípio filosófico é de ordem coronária que possibilita se reconhecer e continuar um legado que nasce a todo tempo e se mantém vivo no cursar de nossa existência materializada em diversas ações e oralituras [...].

**Katiúscia Ribeiro<sup>4 2</sup>**

A experiência da felicidade só é possível quando todXs nós reconhecermos, na diferença, uma oportunidade para acolher, ninar e amar as nossas crianças negras.

**Fátima Santana<sup>4 3</sup>**





*Sawabona*

**Eu te respeito, eu  
te valorizo, você é  
importante para mim.**

*Cumprimento africano*





Shikoba

**“Então eu existo  
para você.”**

Cumprimento africano

**POSFÁCIO**

# Uma criança move o horizonte (e uma carta chega a vários destinos)

*Lia Krucken e  
Marcela Bonfim*

Ô, dá-me licença, ê  
Ô, dá-me licença  
Alodê Yemanjá ê  
Dá-me licença  
Com licença de Zambi  
Vamos cantar umas zuelas  
Com toque de Candomblé  
Exu laroyê mojuba  
Cojuba cojubata exu ajonagera  
Ô Sete, ô Sete, ô Sete encruzilhada  
Toma conta e presta conta  
No romper da madrugada<sup>1</sup>

**1** Música *Festa de Candomblé* (2014), de Martinho da

Chegamos cantando porque é uma alegria estar aqui, no território escreviente que é este livro. É cantando que saudamos a roda que se formou na escola<sup>2</sup>, com as crianças, as professoras e Riachão. Este livro *de memórias* é um tesouro. Além de memória viva, é também uma carta que pode chegar a vários destinos.

Tudo neste livro fala sobre formas de afroexistir: os encontros, os abraços, os olhos e as mãos. As imagens nos transportam para o cotidiano da escola, para o chão de um terreiro que acolheu e acolhe tantas crianças, tantos futuros.

Então, antes de tudo, falemos sobre a importância do registro que aqui se apresenta, com o projeto cuidadoso deste objeto-livro<sup>3</sup>. As imagens criam imaginários. As imagens reunidas no livro de memórias falam de realidades que queremos ver mais e mais. Falam sobre a força, a delicadeza e a potência do trabalho em comunidade e de modos de fazer que podem “fazer funcionar as nossas

Vila, apresentada por Mãe Marlene de Nanã.

- 2 Agradecemos muito à Cynthia Cy Barra por nos ter apresentado Fátima Santana e o CMEI Doutor Djalma Ramos. Agradecemos também pelos convites para participar de vários momentos, inclusive na feitura deste livro.
- 3 É uma alegria poder ter visto os caminhos que este livro, que já existia invisível, foi tomando ao longo das pesquisas de projeto gráfico. Ganhou corpo, um corpo feito com muitas mãos, orís e tempos.

diferenças, aquilo que nos torna singulares”<sup>4</sup>. Eis uma mensagem que lemos nas imagens: a alegria de compor lugares de existência, onde as diversidades e as singularidades são as nossas riquezas maiores. As imagens selecionadas, além de compartilhar as realidades, trazem visibilidade a muitas coisas que não são visíveis aos olhos. Pode parecer contraditório. Mas é justamente o que vai além do que se vê que é o mais bonito. As fotos, assim, são testemunhas de acontecimentos que reverberam em várias camadas, especialmente ao pensarmos no amplo sentido que tem a palavra educação.

Temos a bênção de ouvir Mãe Marlene, com este livro nas mãos:

*Educação tem a ver com como a gente vive no mundo, tem a ver com a nossa origem e nossa ancestralidade. A educação é importante para uma criança se ver no mundo e se orgulhar do que ela é.*

*Educação não é só um conteúdo livresco ou didático. É um conjunto de hábitos, costumes e procedimentos que identificam um indivíduo no seu*

4 JOAQUIM, Augusto. O que é um contra-grupo?. In: BARRENTO, João; PENA Albertina (org.). *A escola dos contra-grupos: uma nova geografia pedagógica e social* (Lovaina, 1971-1979). 1. ed. Lisboa: Espaço Llançol, 2019. p. 152.

*meio ambiente e o seu lugar de origem. Educação tem vida, tem a ver com a maneira como nos portamos no espaço. Estar educado é saber se portar em qualquer lugar, cuidar dos mais novos e respeitar os mais velhos. É com os mais velhos que aprendemos a sabedoria que não está no papel. Durante a nossa existência, a gente está sempre aprendendo. A gente vai buscando caminhos para tirar pessoas de lugares de dor, de racismo, de preconceito. A falta de entendimento pode gerar resistência e ignorância. Então, para gente aprender a receber e a dar educação, é preciso tocar. Como tocar as pessoas?*

A educação nasce das questões, ou as questões nascem da educação? É bonito ver as curvas e feições das palavras de Mãe Marlene, quando, em sua fala, lembra do toque, ao sonorizar o ato como um princípio. Nos diz que é preciso haver o toque para que exista educação. Vai embalando a questão sobre a importância da forma como um movimento próprio e humano, que também pode ser sonoro, poético. Porque a educação é sensorial: as formas. Ao contrário da ignorância; essa falta de entendimento com a forma e os próprios sentidos. Pois, nos educamos por sentidos. O som educa. A imagem educa. O cheiro educa. Como o toque educa. É um quebrador de sentidos para outros sentidos. Fluindo, a educação nasce das curimbas que a mãe canta ao dar espaço a seus ancestrais; acessando um

conjunto de costumes e memórias de um ambiente que é a própria natureza. Como a necessidade de comer, habitar e de se organizar enquanto vida, ao aproximar da natureza as possibilidades que são as questões.

Ao tocar a D. Yemanjá, Lia inicia este diálogo, abrindo-se às possibilidades, como um movimento de continuidade à vida, e às inúmeras questões. Avistamos, deste Mar, as possíveis *imagens de como se educar com a própria natureza*; neste livro multiplicada à beleza-fruto dos horizontes marítimos; em possíveis destinos de uma mesma carta; que significa a *imagem vital* de uma criança. *Encruzilhadas, destinos...* como as contas de uma Maré; que sobe para poder baixar; e desce para poder subir; assim, as fases das Luas nos ensinam à luz da madrugada, a natureza de cada mulher; cíclica como um toque a Iemanjá; expirando, inspirando; espiral. Seguimos pedindo licença à pedagogia infinita, que é a grandeza de romper o horizonte, ou a própria vida, como forma de educar...

Educação, assim, tem a ver com a forma como a gente compartilha os fluxos da vida, se vê no mundo e vê o mundo. Em *movência*<sup>5</sup> — que é respiração, pulsação —

5 Maria Gabriela Llansol, fundadora da Escola "La Maison", que recebia filhos de exilados e refugiados, dizia: "As crianças, como, aliás, todos os seres humanos, não crescem: deslocam-se, de uma posição para a outra". A essa nossa capacidade de deslocar-se, ela chamava *movência*. Ver: LLANSOL, Maria Gabriela. A pedagogia é uma

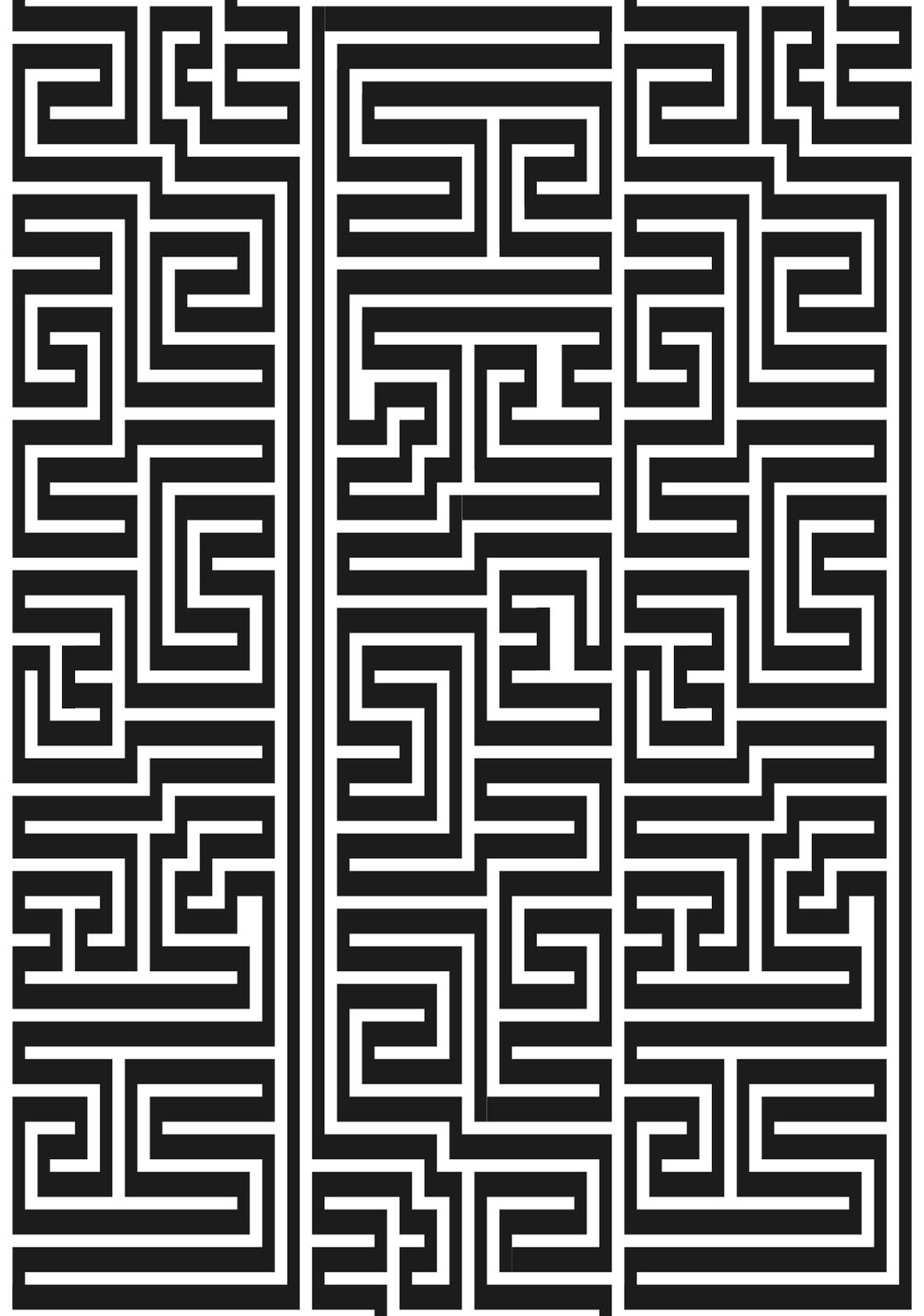
somos tocados e seguimos tocando os seres e as coisas ao nosso redor.

As práticas de educação que compõem as afroafetividades, que as autoras generosamente compartilham neste livro (e na coleção da qual ele faz parte), têm muito a ver com movência. Quando uma criança se vê no mundo e se orgulha do que ela é, aprende a criar seus próprios caminhos no nosso tempo. Ela se move e move o horizonte com ela.

Então, em movimento, vamos terminando esta fala, agradecendo por poder participar desta roda. Motumbá a todos.

Ouvindo Mãe Marlene de Nanã, entre o mar da Bahia e o Rio Madeira em Rondônia, em março de 2022

prática. In: BARRENTO, João; PENA, Albertina (org.). *A escola dos contra-grupos: uma nova geografia pedagógica e social* (Lovaina, 1971-1979), 1. ed. Lisboa: Espaço Llansol, 2019. p. 169.



# Notas

- 1 Caminhos ancestrais.
- 2 ILÊ AIYÊ, HERANÇA E CRENÇA. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/ile-aiye/heranca-e-crenca/>.
- 3 EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- 4 RIBEIRO, Katiúscia. O futuro é ancestral. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/o-futuro-e-ancestral/>.
- 5 LINN DA QUEBRADA. BIXA PRETA. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-linn-da-quebrada/bixa-preta/>.
- 6 RIACHÃO. CAMISA MOLHADA. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/riachao/camisa-molhada/>.
- 7 LARA, Ivone. SORRISO NEGRO. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/fundo-de-quintal/1718878/>.
- 8 RIACHÃO. SOMENTE ELA. Disponível em: <https://www.>

- youtube.com/watch?v=LIRVzP5jsvI.*
- 9 EVARISTO, Conceição. De mãe. **Cadernos Negros**, São Paulo, v. 25, p. 25-30, 2002.
- 10 EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento da minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. P. 16-21.
- 11 PROVÉRBIOS AFRICANOS. DISPONÍVEL EM [https://pt.wikiquote.org/wiki/Prov%C3%A9rbios\\_africanos](https://pt.wikiquote.org/wiki/Prov%C3%A9rbios_africanos)
- 12 BORGES, Vanessa. DANDARA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WPLFVkxC6n4>.
- 13 FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.
- 14 MC SOFIA. MENINA PRETINHA. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-soffia/menina-pretinha/>.
- 15 EMICIDA. PRINCIPIA. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/emicida/principia-part-fabiana-cozza-pastoras-do-rosario-e-pastor-henrique-vieira/>.
- 16 PEREIRA, Noêmia Verúscia Almeida. Tecendo memórias. Poema construído tendo como base memórias, vivências, experiências, trazidas pelas famílias de crianças do CMEI Doutor Djalma Ramos. Lauro de Freitas, 2021.
- 17 DUARTE, Washington. Eu Sou. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=QJ8Zp\\_HYsbI](https://www.youtube.com/watch?v=QJ8Zp_HYsbI).
- 18 EVARISTO, Conceição. MATÉRIA BIENAL SESC DE DANÇA: 5ª NOITE EMOCIONA COM DANÇA INSPIRADA NAS MATRIZES AFRICANAS. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/bienal-de-danca/2021/noticia/2021/10/06/bienal-sesc-de-danca-5a-noite-emociona-com-danca-inspirada-nas-matrizes-africanas.ghtml>.
- 19 SOARES, Elza. A coisa tá preta. Disponível em:

- <https://www.youtube.com/watch?v=aiKdLlic0wU>.
- 20 ILÊ AIYÊ. DEUSA DO ÉBANO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gw9ADSA03zU>.
- 21 LUZ, Larissa. SOU FILHA DE OYÁ. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/larissa-luz/filha-de-oya/>.
- 22 ILÊ AYÊ. NEGRAS PERFUMADAS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=63n-LJAPINw>.
- 23 DAVIS, Angela. Frase disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MjUxMzg20A/>.
- 24 ILÊ AIYÊ. DEUSA DO ÉBANO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gw9ADSA03zU>.
- 25 MUNANGA, Kabengele. Frase disponível em: <https://fopir.org.br/kabengele-munanga-e-preciso-unir-as-lutas-sem-abrir-mao-das-especificidades/2416>.
- 26 GANHADEIRAS DE ITAPUÃ. BANDO DAS GANHADEIRAS. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/as-ganhadeiras-de-itapua/bando-das-ganhadeiras/>.
- 27 hooks, bell. Frase disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MjUyMDU5Mg/>.
- 28 QUINTAL DOS PRETOS. OYÁ. Disponível em: <https://www.musixmatch.com/pt-br/letras/Prettos-feat-Emicida/Oy%C3%A1-Sorriso-Negro-Ao-Vivo>.
- 29 RIBEIRO, Djamila. Frase disponível em: <https://web.facebook.com/EletrabrasCepel/posts/742095083389741/>
- 30 ILÊ AYÊ. NEGRAS PERFUMADAS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=63n-LJAPINw>.
- 31 ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>.
- 32 BAIRROS, Luiza Helena. Frase disponível em <https://www.alepe.pe.gov.br/2016/08/19/trajetoria-de-ex-ministra-de-politicas-da-igualdade-racial->

- e-lembrada-na-alepe/.*
- 33** GONZALEZ, LÉLIA. Frase disponível em: <https://midianinja.org/anaclaudino/preto-e-tudo-igual/>.
- 34** SOUSA, Ladjane Alves. Frase disponível em: <https://modosdefazer.org/12360-2/>.
- 35** SOARES, Elza. Frase disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MjY50DkwMw/>.
- 36** LUZ, Larissa. BONECAS PRETAS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qk3-0qaYTzk>.
- 37** FRANCO, Marielle. Frase disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MjI5MzI2MA>.
- 38** SOUSA, Ladjane Alves. **Rainhas**. Salvador: EDUFBA, 2018.
- 39** FRANCO, Marielle. Frase disponível em: <https://www.mensagenscomamor.com/mensagem/566504>.
- 40** MELO, Cristiane Santos de. **Escrevivendo-me negra**: práticas pedagógicas afrofemininas. Memorial (Mestrado Profissional em Ensino e Relações Étnico-Raciais) - Universidade Federal do Sul da Bahia, Itabuna, 2020. Disponível em: <https://sig.ufsb.edu.br/sigaa/verArquivo?idArquivo=565888&key=6361edf91ae081d9a49fff8662c39035>.
- 41** PEREIRA, Noêmia Verúscia Almeida. Tecendo memórias. Poema construído tendo como base memórias, vivências, experiências, trazidas pelas famílias de crianças do CMEI Doutor Djalma Ramos. Lauro de Freitas, 2021.
- 42** RIBEIRO, Katiúscia. O futuro é ancestral. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-futuro-e-ancestral/>.
- 43** SANTOS, Fátima Santana. **Leia-me negra**: itinerâncias formativas no CMEI Dr. Djalma Ramos. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino e Relações Étnico-Raciais) - Universidade Federal do Sul da Bahia, Itabuna, 2019.

COORDENAÇÃO DO PROJETO "POR UMA  
INFÂNCIA ESCRIVIENTE: PRÁTICAS DE UMA  
EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA" *Fátima Santana  
Santos*

COMITÊ GESTOR *Fátima Santana Santos,  
Noêmia Verúcia Almeida Pereira,  
Cristiane Santos Melo, Elisiane  
Lima da Silva, Lia Kruken Pereira*

SUPERVISORA DO PROJETO *Waldete  
Tristão*

EQUIPE DE TRABALHO *Fátima Santana,  
Cristiane Melo, Elisiane Lima,  
Mabian Ribeiro, Noêmia Verúcia  
Pereira, Everton Pinheiro, Vera  
Lúcia Bomfim, Priscila Lima*

COLABORADORES EXTERNOS *Ladjane Alves*

*Sousa, Maria de Paula Pinheiro,  
Marcos Felipe Marques, Cynthia CY  
Barra, Alane Souza*

COORDENAÇÃO EDITORIAL *Lia Cunha*

REVISÃO *Pedro Carvalho*

COORDENAÇÃO EDITORIAL *Fátima Santana  
Santos*

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO *Iansã  
Negrão com ilustrações de Morgana  
Miranda (Casa Grida)*

FOTOGRAFIA *Everton Pinheiro e  
Edgard Copque*

APOIO *O projeto "Por uma Infância Escreviente: práticas de uma educação antirracista" tem apoio financeiro do Edital Equidade Racial na Educação Básica: pesquisas aplicadas e Artigos científicos (CEERT)*

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Livro de memórias [livro eletrônico] / organização  
Fátima Santana...[et al.]. – Salvador, BA : Duna, 2022. –  
(Por uma infância escreviente)

PDF

Vários autores.

Outras organizadoras: Cristiane Melo, Elisiane Lima,  
Mabian Ribeiro.

ISBN 978-65-994225-9-1

1. Ancestralidade 2. Antirracismo 3. Educação –  
Aspectos sociais 4. Memória coletiva 5. Memória cultural 6.  
Narrativas I. Santana, Fátima. II. Melo, Cristiane. III. Lima,  
Elisiane. IV. Ribeiro, Mabian. V. Série.

22-109369

CDD-370.981

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Brasil : Educação : Aspectos sociais 370.981  
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária – CRB-8/9380

